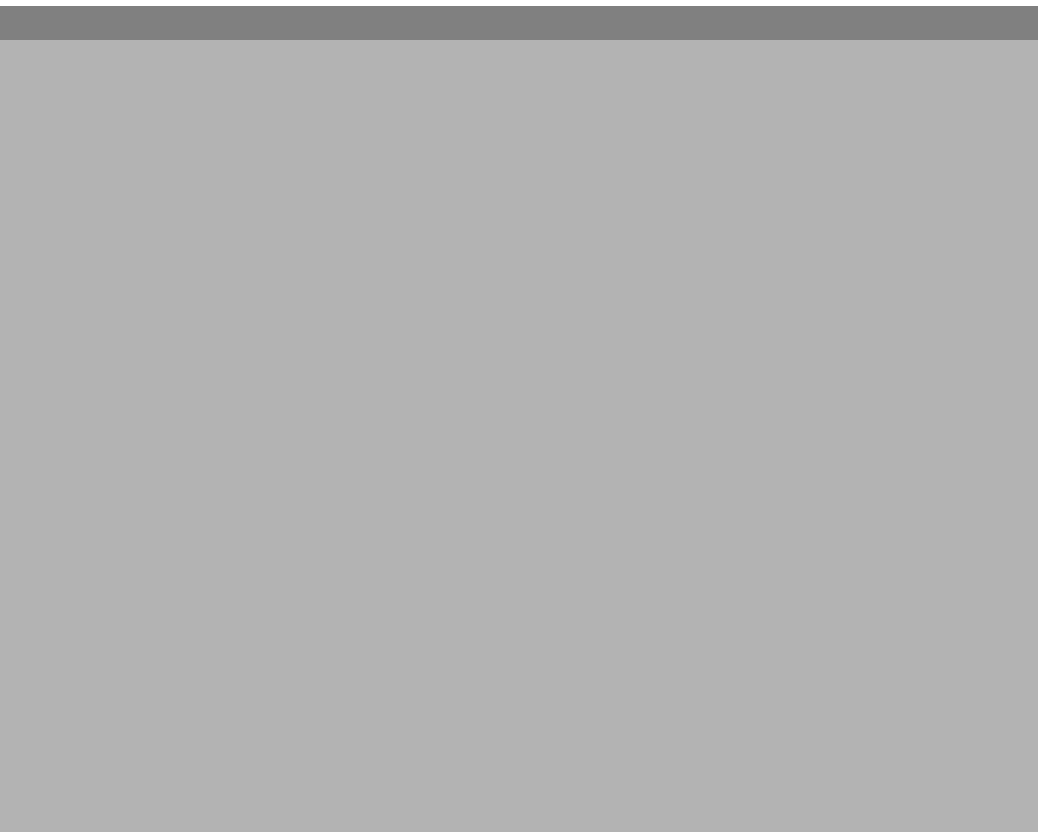


# **Meninas-adolescentes**

*Rituais, corpo e resistência*

---





# **Meninas-adolescentes**

*Rituais, corpo e resistência*

**Vanessa Guilherme de Souza**

**autêntica**

Copyright © 2008 by Vanessa Guilherme de Souza

COORDENADORA DA COLEÇÃO

*Sandra Pereira Tosta*

CONSELHO EDITORIAL

*Marco Antônio Dias* – Universidade Livre das Nações Unidas; *Tatiana Merlo Flores* – Instituto de Investigación de Medias e Universidade de Buenos Ayres; *Paula Monteiro* – USP; *Graciela Batallán* – Universidade de Buenos Ayres; *Mirian Goldemberg* – UFRJ; *Neusa Maria Mendes de Gusmão* – Unicamp; *Márcio Serelle* – PUC Minas; *Angela Xavier de Brito* – Université René Descartes-Paris V; *José Marques de Melo* – USP e Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação; *Joan Ferrés i Prates* – Universidad Pompeu Fabra-Barcelona

CAPA

*Patrícia De Michelis*

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

*Eduardo Queiroz*

REVISÃO

*Tucha*

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da editora.

#### **AUTÊNTICA EDITORA**

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

TELEVENDAS: 0800 283 13 22

[www.autenticaeditora.com.br](http://www.autenticaeditora.com.br)

e-mail: [autentica@autenticaeditora.com.br](mailto:autentica@autenticaeditora.com.br)

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Souza, Vanesa Guilherme de  
Meninas-adolescentes : rituais, corpo e resistência / Vanessa Guilherme de Souza. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.  
Coleção Cultura, Mídia e Escola / coordenadora Sandra Pereira Tosta)

Bibliografia.  
ISBN 978-85-7526-321-1

1. Adolescentes (Meninas) – Comportamento 2. Adolescentes (Meninas) – Psicologia 3. Corpo - Construção 4. Educação física feminina I. Tosta, Sandra Pereira. II. Título. III. Série.

08-03939

CDD- 796.08352

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescentes meninas e corpo : Educação física 796.08352
2. Educação física : Adolescentes meninas e corpo 796.08352

*O homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora. Aqui, justamente neste espaço, está a Educação Física. Ela tem que ser gesto, o gesto que se faz, que fala. Não o exercício ou movimento mecânico, vazio, ritualístico. O gesto falante é o movimento que não se repete, mas que se refaz, é refêito dez, cem vezes, tem sempre o sabor e a dimensão de ser inventado, feito pela primeira vez. A repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação. Assim ele é sempre movimento novo, diferente, original. Ele é arte.*

Santin



# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	9
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>A ANTROPOLOGIA E OS RITUAIS</b> .....	25
Rituais na escola.....	29
O caráter ritual.....	32
A Educação Física Escolar como ritualização.....	34
<b>CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA</b> .....	37
Corpo histórico-“cultural”.....	37
A disciplina Educação Física.....	44
Educação Física e a cultura corporal de movimento.....	52
<b>OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	57
Delineamento da investigação.....	57
Metodologia.....	60

A Educação Física na Escola Ilha Bela.....	65
Uma análise preliminar.....	77
<b>“À BEIRA DA QUADRA, DA SALA, DO PÁTIO”:</b>	
<b>MEU RITUAL DE OBSERVAÇÃO OU A OBSERVAÇÃO</b>	
<b>COMO RITUAL.....</b>	<b>79</b>
O sistema ritual.....	83
<b>“OLHANDO” AS MENINAS.....</b>	<b>99</b>
As meninas, o estado de quadra e uma cultura do corpo.....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>139</b>

## Prefácio

O que mobiliza e desmobiliza meninas adolescentes nas aulas de Educação Física?

Como, em tempos marcados pela influência da mídia, que aponta a busca incessante por corpos modelares, sarados, tatuados e ágeis à imagem e semelhança das “mulheres mais bonitas do planeta”, nas academias, nas clínicas de estética e nas promessas de satisfação plena desses desejos, adolescentes desinvestem ritualmente da busca desse corpo nas atividades físicas oferecidas pelas escolas, especialmente no tempo/espaço das aulas de Educação Física?

Como podemos entender essas e outras tantas questões que dizem respeito ao feminino adolescente, à escola particular que atende a camadas economicamente médias e altas da população, à natureza da Educação Física escolar, seus dilemas e possíveis respostas?

Enfim, é sobre essa temática que envolve a todos, mas que certamente encontra nos adolescentes seu público ou

segmento mais cobiçado pela mídia, especialmente pela propaganda, que o livro de Vanessa Guilherme Souza, *Meninas-Adolescentes: rituais, corpo e resistência* trata muito bem.

Ela faz uma abordagem muito bem situada na experiência da autora como mulher e como profissional da Educação Física comprometida com um ensino que não reproduza os modelos tradicionais dessa área de conhecimento (como atividade seja recreativa ou orientada para o treinamento e aperfeiçoamento de aptidões físicas), mas que reinvente seus saberes e fazeres sem perder de vista os contextos culturais nos quais se insere; especialmente no campo escolar.

Experiência que Vanessa acumula há anos em todas as séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e de inquietações nesse percurso. Por exemplo, a constatação da insatisfação de meninas do Ensino Médio com a disciplina Educação Física e a relação de resistência para com seus corpos nesse espaço disciplinar. E, ao mesmo tempo, a busca incessante dessas adolescentes por um corpo “sarado”. Corpo que funciona como um tipo de luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos na contemporaneidade. A autora percebe também uma procura por espaços não escolares, como clubes e academias, para suas experiências corporais. E nesses espaços era possível a satisfação e algum aprendizado, conforme relatam as adolescentes ouvidas nesse estudo.

Esse conjunto de motivações devidamente refletido e sistematizado permitiu à autora realizar um trabalho inovador, criativo e densamente teórico ao observar, descrever e interpretar um grupo de meninas nas aulas de Educação Física e os modos como elas significam essa vivência, que é atravessada pelas ofertas de constituição de certo corpo em um mercado de bens simbólicos e materiais,

cuja configuração é quase toda desenhada e redesenhada pela mídia.

Ao se apropriar de tal desafio e com ele dialogar com referenciais não só da Educação e da Educação Física, mas também da Antropologia, particularmente os estudos sobre rituais, Vanessa não somente nos descortina aspectos originais de uma relação multifacetada e complexa entre cultura, mídia e escola, como também sinaliza para o quanto a Educação Física necessita redefinir seu tempo e seu espaço na escola.

Portanto, este estudo tem como um dos objetivos responder o porquê dessa insatisfação das adolescentes com a disciplina Educação Física e com seus corpos e os saberes que eles contêm, pois carregam consigo uma história e uma subjetividade que poderiam ser interpretadas na escola, se, ao oferecer a possibilidade de movimentos culturais, admitisse à aluna se expressar à sua maneira e perceber por si própria que não se tem um corpo, se é corpo, como bem analisa o filósofo Merleau-Ponty.

Diante disso, o que a Educação Física Escolar pode fazer? Vanessa não nos apresenta “receituários” generalizáveis, mas caminhos que apontam para uma prática de Educação Física que retire o corpo do ostracismo disciplinador em que se encontra na escola, discutindo-o como espaço de significações que devem ser compreendidas pelos educadores. Corpo como cultura!

Ou seja, o ensino da Educação Física não poderia se reduzir à preocupação simplista com *performance física*, mas incorporar, também, o desenvolvimento de conteúdos que considerem a diversidade de vivências culturais em suas múltiplas expressões, criando tempos e espaços para as meninas se apropriarem de seus corpos, desenvolvendo uma compreensão mais abrangente e crítica sobre grau de

importância conferido a ele na construção e na afirmação da sua identidade, nas relações sociais em que estão inseridas, como afirma a autora.

Texto agradável e instigante, este livro, *Meninas-Adolescentes: rituais, corpo e resistência*, certamente é uma leitura que muitas contribuições oferece aos professores de Educação Física e de outras áreas, gestores de escola e pesquisadores da educação em busca de aprendizagens mais comprometidas com o desenvolvimento integral do ser humano.

Com mais este livro, a coleção **Cultura, Mídia e Escola** segue firme em seus propósitos de olhar para essa intrincada relação de maneira densa e delicada. E de contribuir para a tão sonhada busca de uma educação mais qualificada e sintonizada com o tempo presente.

*Prof. Sandra de F. Pereira Tosta*

Coordenadora da coleção “Cultura, Mídia e Escola”

# Apresentação

Na sociedade contemporânea, não é nada difícil observarmos as imagens de corpos que nos são constantemente apresentadas e ditas. Nas passarelas da moda, no teatro, na dança, nos esportes, nas revistas, nas novelas e em outros programas de televisão, nos filmes, nas ruas, nas academias, o corpo feminino, ao mesmo tempo em que se exhibe e é exibido, torna-se, também, objeto de diferentes anseios e desejos. E na escola, como é tratado esse corpo? A escola, historicamente, estabelece como o corpo deve se portar dentro desse ambiente, definindo a sua postura perante os *superiores* ou a Instituição.

E na aula de Educação Física? É possível verificar que, no espaço escolar, o controle do educando pode se dar por meio do corpo nas aulas, nos corredores, nos pátios e, também, nas *quadras*, onde sempre é estabelecido um “ritual” a ser cumprido.

Essas preocupações marcam a estrutura central das indagações deste trabalho acerca das atitudes corporais ritualizadas de adolescentes em suas práticas nas aulas de Educação Física.

Esse trabalho, com algumas alterações, é a minha dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2006 na Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas). Pretendi utilizar conceitos da Antropologia como uma nova maneira de olhar o corpo no âmbito escolar, procurando repensar alguns aspectos relacionados, especialmente, à disciplina Educação Física. Quem me apresentou os conceitos da Antropologia foi a professora e doutora em Antropologia, Sandra de Fátima Pereira Tosta, que me orientou e ensinou a arte do “olhar” de pesquisadora. Gostaria de ressaltar sua orientação afetuosa e ao mesmo tempo exigente (na medida certa), sua cumplicidade nesta trajetória e o rigor teórico-metodológico durante a produção do trabalho. É minha co-autora.

O desafio que mobilizou este trabalho foi a preocupação com a busca de fundamentos que pudessem contribuir para a formação de profissionais da Educação, colaborando com o repensar crítico sobre a produção de conhecimentos sobre Educação e Educação Física.

# Introdução

Meu interesse pelo estudo do corpo feminino emerge de minhas experiências como mulher e, também, de minha trajetória como professora de Educação Física. Em meu percurso como professora da 1<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental e da 1<sup>a</sup> à 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio, várias inquietações atravessaram minha prática. Na busca de um caminho de superação das abordagens tradicionais da Educação Física escolar, tento construir uma prática que (re)signifique essa disciplina na escola. Entendo como tradicionais as abordagens que tratam a Educação Física como atividade (seja recreativa ou orientada para o treinamento/melhora de aptidão física), e não como uma área de conhecimento escolar ou componente curricular no sentido de se constituir em

[...] um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e

sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa contribuir com a formação cultural do aluno. (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 83)

O que provocou maior incômodo foi perceber, durante as aulas, a insatisfação das meninas da 1ª série do Ensino Médio com a disciplina Educação Física e a relação de resistência para com seus corpos nesse espaço.

Em nossas conversas, sempre ficava em evidência que essas adolescentes viviam uma relação delicada com seus corpos, e, muitas vezes, inconseqüente – magreza excessiva, anemia, bulimia, anorexia, prática exagerada de atividade física fora da escola, ingestão de remédios milagrosos para perda de peso, plásticas, tatuagens, piercings e lipoaspiração. Segundo Goldenberg (2002, p. 31) “[...]a busca por um corpo “sarado”<sup>1</sup> funciona como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos.” E também, havia uma busca por locais extra-escolares para experiências corporais, e nesses espaços – clubes e academias – era possível satisfação e aprendizado.

Neste estudo tem-se como um dos objetivos, portanto, sinalizar o porquê dessa insatisfação das adolescentes com a disciplina Educação Física e com seus corpos. A possibilidade de discutir o corpo e seus significados encontra espaço mais propício exatamente na disciplina Educação Física, pois o corpo carrega consigo uma história e uma subjetividade que poderiam ser interpretadas pelo professor

---

<sup>1</sup> Sarado: adjetivo com o sentido de forte, rijo, resistente, sem gordura, malhado (DICIONÁRIO AURÉLIO. Positivo Informática, 2004, Edição eletrônica 5.0).

quando, ao oferecer a possibilidade de movimentos, permitir à aluna se expressar à maneira dela e perceber por si própria o saber que seu corpo contém. Mas para que o professor perceba essa subjetividade é necessário que entenda que

[...] o ser humano é um ser mais dinâmico e dotado de individualidade, inserido num contexto sociocultural igualmente dinâmico e eminentemente simbólico. A visão de Educação Física, nesse caso, também parece ser ampliada, uma vez que procura contemplar não só as dimensões física, psicológica e social humanas, mas ver o ser humano como a totalidade indissociável entre esses aspectos. (DAOLIO, 2004, p. 66)

Desse modo, o ensino da Educação Física não poderia se reduzir à preocupação simplista com *performance física*, mas incorporar, também, o desenvolvimento de conteúdos que considerem a diversidade de vivências culturais e seus novos hábitos, criando novas necessidades para as educandas. Poderia ser uma atividade para se entender o corpo como totalidade expressiva intencional, que não perde de foco a vivência, a análise e a compreensão de diferentes intenções dos gestos construídos em diferentes práticas sociais, de ações pedagógicas que revelam a constituição da natureza/cultura, de relações entre os sujeitos e o mundo. Dessa forma, as adolescentes poderiam desenvolver uma compreensão mais abrangente e crítica do grau de importância conferido ao corpo na construção e afirmação da sua identidade, nas relações sociais em que estão inseridas.

Segundo Hall (2002, p. 13), o indivíduo na contemporaneidade não é composto por uma identidade única, fixa ou permanente, mas de várias identidades. Essa identidade única é caracterizada como “[...] uma celebração

móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpe-lados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”.

Na perspectiva de Hall (2002), as identidades modernas estão sendo fragmentadas ou “descentradas” em decorrência de uma mudança estrutural que está transformando as sociedades contemporânea. Com essa mudança estrutural, as concepções culturais de *corpo*, sexualidade, gênero, classe, etnia, raça e nacionalidade, que eram validadas no passado e garantiam às pessoas seguras localizações como indivíduos sociais, levam a uma perda da estabilidade do *sentido de si* – chamada de descentração ou deslocamento do sujeito. A descentração do indivíduo, tanto do seu lugar no mundo cultural e social quanto de si mesmo, constitui o que se denomina “crise de identidade”.

Com base na premissa de que esses processos de mudança representam a transformação da própria modernidade, Hall postula que existem três concepções de identidade:

1. a concepção do sujeito do iluminismo, na qual o indivíduo é percebido como um ser unificado, centrado e dotado de razão, de consciência e de ação. Esse centro – núcleo interior – comportaria sua identidade;

2. a concepção do sujeito sociológico a qual mostra que o núcleo interior era formado na relação com o outro e sua cultura. Nessa concepção, a identidade é formada na interação entre a sociedade e o eu;

3. a concepção do sujeito pós-moderno, na qual o indivíduo é composto por várias identidades, que podem ser contraditórias ou não resolvidas, como foi colocado anteriormente como *celebração móvel*.

Baseando-me nessa concepção de identidade, definida historicamente, é que busco, então, entender a questão do corpo na perspectiva da composição identitária das adolescentes, dos modos de se apropriarem do seu próprio corpo em uma sociedade *imagética* e, também, compreender como se constrói a condição de corpo no âmbito escolar, especificamente nas aulas de Educação Física.

Daolio (1995), fundamentado em Marcel Mauss (1974), fala das técnicas corporais específicas de um meio social. Técnicas corporais são atos tradicionais e eficazes com que determinada cultura utiliza seus corpos. É pela transmissão dessas técnicas que o homem se distingue dos animais. Isso implica um processo de educação para que os sujeitos de diferentes contextos sociais possam aprender o conjunto de técnicas corporais de seu meio. Com base em tal compreensão, podemos entender os gestos, os movimentos corporais, os comportamentos aceitos ou não em determinados grupos ou sociedades como atos culturais.

Para o mesmo autor, “[...] no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995a, p. 39). Ao identificar e analisar esse conjunto de regras, normas e valores em um indivíduo, pode-se compreender uma sociedade particular, uma vez que no corpo estão impressos os códigos culturais de tal sociedade. Daolio (1995a, p. 40) diz: “Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo”. Eu diria, acrescentando, que a aprendizagem em um grupo cultural também passa pelo conjunto de percepções e usos que se tem e se faz do corpo.

Ao observar a maneira como as adolescentes realizam suas práticas nas aulas de Educação Física foi possível identificar diferentes atitudes corporais entre elas. Mas só faz sentido falar em gestos, atitudes e comportamentos se os considerarmos um conjunto de significados culturalmente construídos que neles se expressam. Do que se depreende que o corpo é um produto da cultura e produtor de cultura (GEERTZ, 1989), ao mesmo tempo em que é suporte de comunicação e informação de um dado tempo histórico.

Tanto que Del Priore, em sua obra, “Corpo a corpo com a mulher” (2000), diz que a história das mulheres passa pela história de seus corpos. O corpo feminino passou por uma revolução que trouxe muitas conquistas, mas também muitas armadilhas, como a tirania da perfeição física, em que a mulher não busca uma identidade<sup>2</sup>, e, sim, uma identificação<sup>3</sup>.

A identidade da mulher passa a ser definida pelo equilíbrio entre beleza, saúde e juventude, aliadas às práticas de aperfeiçoamento do corpo. A mulher é obrigada a se colocar a serviço do seu próprio corpo para não sofrer uma rejeição social. “Quem não o modela, está fora, é excluído” (DEL PRIORE, 2000, p. 92). Com a pressão de tornar-se fisicamente perfeita e a tensão do ideal de conseguir chegar ao corpo perfeito, a mulher passa a buscar uma identificação com as imagens veiculadas pela mídia como promessa de felicidade absoluta, plenitude e intemporalidade. Quem define os adjetivos impostos ao corpo – belo, novo, flácido, gordo – e o seu valor social? (DAOLIO, 1997).

---

<sup>2</sup> Identidade (HALL, 2002, p. 13).

<sup>3</sup> Identificação refere-se ao uso que uma pessoa faz dos sistemas de significação e representação cultural para se identificar – tornar idêntico – e, desse modo, relacionar-se aos outros (OLIVEIRA, 1976, p. 3).

Ainda, segundo Del Priore (2000, p. 9), “sobre a cera dos corpos femininos, o século XXI vai imprimindo suas primeiras marcas. Produto social, produto cultural e histórico, nossa sociedade os fragmentou e recompôs, regulando seus usos, normas e funções”. Essa afirmação nos remete a pensar que, ao longo da história da humanidade, nunca se tenha falado e vivido tão plenamente o “desnudar” dos corpos femininos como hoje. Eles não só se tornaram mais visíveis, como têm sido, também, objeto de estudo, investigação e crítica. Sobre eles são criadas representações (imagens, discursos, formas de admiração, celebração e negação) indiciais de modelos, ideais, etc.

Na sociedade contemporânea, não é nada difícil observarmos as constantes imagens de corpos que nos são constantemente apresentadas e ditas. Nas passarelas da moda, no teatro, na dança, nos esportes, nas revistas, nas novelas e outros programas de televisão, nos filmes, nas ruas, nas academias, o corpo feminino, ao mesmo tempo em que se exhibe e é exibido, torna-se também objeto de diferentes anseios e desejos. E na escola? Como é tratado esse corpo?

A escola, historicamente, estabelece como o corpo deve se portar nesse ambiente, definindo sua postura perante os *superiores* ou a instituição. Enfim, pelo corpo o aluno é observado e seu desempenho verificado para que se possa avaliar se ele satisfaz as expectativas da instituição e se atende às orientações que ela impõe.

E na aula de Educação Física? Parafraseando Dao-lio (2004), a partir do momento que a Educação Física fizer uma revisão de seus conceitos, de seu corpo, de seu movimento e, principalmente, da sua cultura, percebendo e assumindo as contribuições de uma abordagem antropológica, poderá tornar-se uma área dinâmica,

original e plural. Ao adotar uma perspectiva cultural e considerar os aspectos simbólicos definidores do homem, a Educação Física poderá refletir e fazer as adolescentes refletirem sobre temas como estética, beleza, expressividade, subjetividade, enfim, os seus significados e implicações em uma sociedade de mercado.

Os estudos e as análises históricas de Foucault (1994) mostram a existência de um poder articulado (que surgiu a partir do século XVII), aos modos da produção capitalista que age sobre os corpos: o poder da disciplina que dociliza. Esse poder disciplinar atuava nas instituições sociais como escola, prisões, fábricas, tratando o corpo como algo mecânico que precisava ser disciplinado para se tornar mais produtivo, econômico e eficaz.

O corpo, segundo Foucault, servia ao sistema capitalista, pois se exigia dele o máximo de produção, diminuindo, assim, sua capacidade crítica, tornando-o dócil em termos políticos e produtivos. “A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados e aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) ao mesmo tempo diminui as forças do corpo (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1994, p. 119).

Desse modo, percebo que o corpo feminino é visto como algo a ser manipulado, modificado, construído, alvo de diversas intervenções, entre as quais “o movimentar e o exercitar” se manifestam. As práticas corporais e esportivas são reconhecidas como possibilidades de controle e disciplina.

O que presumo, porém, é que esse corpo, na sociedade contemporânea, pode ter deixado de ser *locus* de repressão política para tornar-se campo de afirmação e construção do eu e, talvez, de novos e sutis aprisionamentos – ter um corpo que atenda aos *padrões* representa um modelo legítimo de imposição em nossa sociedade, tanto no que

se refere à constituição física quanto ao uso de produtos destinados ao consumo.

Assim, com base em estudo dos rituais que se desenrolam no terreno do corpo feminino, considere fundamental buscar as origens e os sentidos que a palavra *corpo* adquiriu no processo de construção histórica do mundo ocidental. Essa trajetória nos revela as matrizes que vêm delineando os contornos dos diferentes aspectos da nossa vida e, entre eles, a constituição dos sentidos de corpo na escola. Além disso, busquei compreender os dilemas e as tensões da Educação Física escolar não apenas em sua historicidade, mas também em sua prática com adolescentes, alunas do Ensino Médio em uma escola privada.

Por fim, este trabalho é composto de cinco capítulos.

No capítulo 1, traz-se a teoria dos rituais e suas implicações na Educação Física.

No capítulo 2, apresenta-se a importância de se pensar o corpo como construção cultural.

No capítulo 3, são apresentados os caminhos da pesquisa e a análise da Educação Física na escola pesquisada.

No capítulo 4, são apresentadas as observações do campo e o sistema ritual.

No capítulo 5, enfocam-se as meninas e seus rituais corporais.

E, finalmente, são apresentadas as considerações propiciadas pela pesquisa.